

Carta para Papai Noel

LUÍS CARLOS EWALD *

Rio, 24 de dezembro de 1995.

Caro Papai Noel,

desde pequenininho eu sei que você não existe. Me lembro que fiquei muito triste quando me contaram, mas, ao mesmo tempo, fiquei com muita raiva de quem "me cortou o barato" de usufruir de tão gostosa ilusão infantil.

Mesmo assim, durante todos esses anos, após vários cursos de programação neurolingüística e de condicionamentos positivistas, eu me convenci que, a gente querendo, você pode existir.

Você passa a ser a encarnação dos nossos sonhos, daquilo que a gente gostaria que fosse verdade, materializado pelo seu imenso poder de realizar nossas fantasias.

Assim, segue uma lista que não esgota todos os meus desejos e aspirações econômicas e sociais, porém, se fosse atendida deixaria muita gente feliz e certa de que daqui para frente este país ia deixar de ser o país do futuro para ser o país do presente.

Desculpe o trocadilho, mas, por falar em presente, você, Papai Noel, o governador eleito dos sonhos de todas as crianças grandes deste país, tem o poder de sensibilizar a mente de seus colegas governantes para ajudarem na concretização material da lista se presentes que a gente está querendo. Por isso, conto com você: aí vai!

— Gostaria de poder adquirir minha casa própria com financiamento de muito longo prazo e taxa de juros que não fosse diferente daquela

que os vizinhos dos Estados Unidos pagam (como você é um Papai Noel multinacional, sabe muito bem o que estou dizendo: nada de TRs, UFIRs e IGPMs!).

— Queria meu cheque especial usado somente para emergências, com juros decentes, e um orçamento equilibrado, administrado com juízo, já que pedir aumento de salário nesta crise de empregos passa a ser muito egoísmo.

— Peço que os cartões de crédito, que tão bem me atenderam quando fui cantado para ser cliente, mantenham a boa vontade nas minhas reclamações,

"Queria que (Papai Noel) fizesse com que todos os homens tivessem boa vontade. Não é assim que diz: 'paz na terra aos homens de boa vontade?'"

mações, que atendam o telefone prontamente, sem musiquinhas, e, principalmente, parem de me ameaçar com multas de 10% por um dia e mais juros de 18% ao mês. Quero juros iguais aos dos pais desses cartões, os americanos, de 18% ao ano. Leu bem, Papai Noel? Eu sei que você está velhinho e de óculos: aqui é 18% ao mês e lá é 18% ao ano! E aqui a inflação, graças a você, materializador dos nossos sonhos, está acabando...

— Ficaria muito contente se os financiamentos de bens de consumo duráveis (desculpe meu economês: queria dizer, televisores, geladeiras, bicicletas, automóveis, etc.) oferecidos nas lojas, exatamente para quem não tem para pagar à vista, tivessem juros compatíveis com as taxas de quem poupa. O *spread* (diferença entre captação e empréstimo) que estão cobrando dos pobres coitados consumidores é digno dos mais tradicionais agiotas.

— Não poderia deixar de pedir uma força para ajudar o governo a manter o firme propósito de conter a inflação: se não está bom para os ricos, pode ter certeza, está um pouquinho melhor para os pobres, que podem até escolher entre frango e carne!

— Seria muito bom que as pessoas individualistas com a mania do quero-o-meu, e que só querem levar vantagem, acordassem para a realidade comunitária: se cada um de nós fizesse a sua parte, essa sua parte multiplicada por 160 milhões resultaria num todo, que é o país, com a parte total feita. Estaria resolvido o Brasil!

— Enfim, queria que fizesse com que todos os homens tivessem boa vontade. Não é assim que se diz: "paz na terra aos homens de boa vontade"? Todos nós teríamos Paz!

Obrigado, Papai Noel,
E um Feliz Natal.